

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

NOÇÕES DE HUSSERL SOBRE EMPATIA

Beatriz Dutra Rosa (Programa de Iniciação Científica, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo - LIEPPFEX, Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo - GEFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (docente do Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo - LIEPPFEX, Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo – GEFEX, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: biadutrar@gmail.com

Palavras-chave: Empatia. Husserl. Intersubjetividade. Fenomenologia.

Este trabalho apresenta o resultado parcial da pesquisa, do Programa de Iniciação Científica (PIC), intitulada *Reflexões acerca do "outrar": o conceito de empatia para Husserl, Sartre e Rogers*, que ocorre no período de maio/2019 a abril/2020. Tem, portanto, como objetivo, apresentar as noções de empatia para Edmund Husserl (1859-1938).

A temática da empatia inquietou Husserl durante boa parte de sua vida, mas a maior parte dos seus textos que a abordam, só foram publicados postumamente, em 1973, como coletânea de escritos entre 1905 e 1935, intitulada *Sobre a Fenomenologia da Intersubjetividade*, e que ainda não possui tradução para o português. O fato da temática ser recorrente, conforme Zahavi (2014), sugere que Husserl não chegou a uma conclusão satisfatória em relação à noção de empatia. No percurso da pesquisa foi possível identificar três fases de Husserl, elencadas por Savignano (2019), relacionadas à sua compreensão do que seja empatia.

A primeira fase compreende o período de 1905 a 1910. Nesta, Husserl refuta as teorias de intersubjetividade de seus contemporâneos Benno Erdman e Theodor Lipps. Segundo Coelho Junior, Husserl nega a teoria do raciocínio por analogia de Benno Erdman que “parte da idéia (sic) que se meu eu está ligado a meu corpo e o corpo de outro é análogo ao meu, logo um eu também deve estar ligado a ele” (COELHO JUNIOR, 2003, p.192), por considerá-lo um sofisma (falácia). No raciocínio de Husserl, a única forma de conhecer a experiência do outro, que possui uma essência própria, é por meio da mediação de minha própria experiência (consciência intencional) - a única que me é acessível de forma imediata e que não faz parte da experiência desse outro (HUSSERL, 2001).

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

Conforme Savignano (2019), Lipps, no entanto, percebe a empatia como um instinto de imitação e expressão, ou seja, por meio de um mecanismo natural, instintivo ou impulsivo consegue-se alcançar esse eu alheio. Os principais mecanismos para atingir a empatia, segundo este autor, são: instinto de imitação, pelo qual imitamos as ações corporais e expressões faciais do outro. Um bom exemplo seria o bocejo, tendo em conta que, ao ver alguém bocejar, também bocejamos; e o instinto de exteriorização, que é uma tendência natural humana de expressar estados psíquicos internos por meio de gestos corporais. Para Lipps, de acordo com Savignano (2019), empatia é: “uma experiência exclusivamente perceptiva, onde o Eu capta por meio da percepção externa a um corpo alheio e por percepção interna sensações, sentimentos e emoções íntimas”¹. (SAVIGNANO, 2019, p. 460, tradução nossa)

As críticas de Husserl a Lipps chegam a ser calorosas já que, segundo Savignano (2019), o fenomenólogo afirma que Lipps comete uma “ignorância fenomenológica” por analisar a empatia por “instintos inexplicáveis”. Para Husserl (naquela época), fundamentar-se nos instintos não permite explicar com profundidade a origem da alteridade. Não obstante, a empatia, ao ser considerada como um instinto irreflexivo, como Lipps propõe, retira a possibilidade da multiplicidade de experiências de diferentes pessoas sobre um mesmo objeto. Savignano igualmente pontua que, para Husserl, Lipps confunde o ato de percepção interna e intuitiva com o ato de tomada de consciência do objeto (outro) percebido, sendo assim, Lipps apreende a questão empática como uma experiência que restringe o eu, dado que se baseia completamente na percepção de si, negando a reflexão acerca do outro. Em *Meditações Cartesianas*, a próxima fase que abordaremos, Husserl (2001) explica que:

A experiência do outro é um modo de consciência em que o objeto é mostrado “no original”, (...) “em carne e osso” diante de nós. Por outro lado, esse caráter de “em carne e osso” não nos impede de concordar, sem dificuldades, que este não é o outro *eu* que nos é mostrado no original, não sua vida, seus próprios fenômenos, nada do que pertence a seu ser próprio. Porque se fosse esse o caso, se aquilo que pertence ao ser próprio do outro estivesse acessível para mim de maneira direta, isso seria apenas um momento do meu ser a mim, e, no final das contas, eu mesmo e ele mesmo, nós, seríamos o mesmo. (HUSSERL, 2001, p. 122-223, grifo do autor)

¹ *La experiencia de la unidad entre la percepción de un gesto ajeno, la sensación de un movimiento kinestésico por imitación y la vivencia de una emoción expresada a través del acto corporal mimético. Nótese que la empatía así descrita es una experiencia exclusivamente perceptiva, donde el yo capta por percepción externa un cuerpo ajeno y por percepción interna sensaciones, sentimientos y emociones íntimas.*

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

A segunda fase ocorre, aproximadamente, a partir de 1920, cujo pensamento de Husserl sobre a empatia está presente em seu livro *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*, publicado em 1931. Nesta fase, Husserl compreende a empatia como um ato perceptivo singular, pelo qual o indivíduo é capaz de, primeiramente, assumir e reconhecer a existência de seres humanos semelhantes ao eu (empatia inautêntica) por meio de um processo passivo de emparelhamento (*Paarung*) e, por meio da suspensão (redução fenomenológica), utiliza-se da "imaginação para transportar-se presentificamente para dentro do corpo alheio (empatia autêntica). Assim, eu imagino as vivências internas do outro como se estivesse em seu lugar"² (SAVIGNANO, 2016, p. 469, tradução nossa). Posteriormente, prossegue este autor, é necessário que o indivíduo se proponha a verificar se sua imaginação é baseada em suposições equivocadas da vivência que pertence completamente ao Outro.

Sua última fase compõe os manuscritos dos anos de 1929 a 1934. Nestes, Husserl aborda o tema da "proto-empatia" (quicá para explicar o lugar dos instintos na relação com a empatia). A proto-empatia relaciona-se ao "pré-ego" e funciona com base instintual. Configura-se como um proto-horizonte universal, resultado de um *habitus* inato (SAVIGNANO, 2019) constituído desde antes de o indivíduo nascer, isto é, ainda dentro da barriga da mãe. Conforme relata Bello (2014), Husserl nos deixa algumas produções que permitem fazer análise sobre o desenvolvimento das potencialidades humanas na gênese da vida, ou seja, tendo como ponto de partida a vida intrauterina. O feto pode ser considerado não vivente, pois não é consciente: "O eu antes desse despertar, o 'pré-eu', o eu não ainda vivente, já possui, todavia, a seu modo, um mundo prévio, um mundo extemporâneo, 'dentro' do qual ele é não-vivente, para o qual ele ainda não foi desperto" (HUSSERL, 2017, p. 375). A partir do momento em que a criança nasce, passa a possuir um horizonte perceptivo, e conseqüentemente, uma consciência, mesmo que ainda não seja capaz de refletir sobre si ou tenha uma noção temporal de presente, passado e futuro.

As relações corporais cinestésicas que possui com a mãe no início da vida são baseadas na satisfação de necessidades, por isso suas ações baseiam-se nos instintos, para que essas necessidades sejam preenchidas pela mãe. Neste momento o corpo da mãe ainda é visto pela criança como parte de seu próprio corpo:

² "imaginación para transportarse presentificativamente dentro del cuerpo ajeno. Así, yo imagino las vivencias internas del otro como si estuviere en su lugar".

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

É somente bem tarde que a criança tem um espaço entre os corpos espaciais e tem a mãe como corpo em seu campo espacial. A primeira mãe como o que há de idêntico, de reconhecido e como “premissa” para a satisfação do desejo; quando ela vem e está aí, então a satisfação se produz. Não há ainda nenhuma empatia (Einfühlung). (HUSSERL, 2017, p. 376)

Segundo Osswald (2014), Husserl propõe dois tipos de instintos: o da autoconservação (alimentação) e os instintos dirigidos ao outro (instintos sexuais) que tendem a criar vínculos entre os sujeitos. A explicitação com base no instinto parece ter uma semelhança com o princípio do prazer Freudiano, porém, Osswald nos atenta às diferenças entre eles. Primeiramente, “não existem indícios suficientes para sustentar que Husserl havia aceito que as pulsões direcionadas ao outro, são, em última instância, de ordem sexual”³ (OSSWALD, 2014, p. 26, tradução nossa). Além disso, diferentemente de Freud, a distinção entre as classes pulsionais não gera algum conflito ao sujeito.

Seguindo o raciocínio da construção empática na criança, para Bello (2014), o eu como ponto de referência central está sempre presente, porém em potencial, o eu já possui um *habitus*, isto é, uma coesão de atos que constituem uma personificação do eu, e também desde o nascimento o eu já é o centro das afecções e reações. Com o advento da linguagem, quando a criança passa a compreender o “eu/mim”, o “nós” e o “vocês”,

se iniciam os graus do desenvolvimento empático por meio do progressivo reconhecimento do outro como alguém que possui seu campo de sensações e ações, um mundo seu que interage com o meu, aquele da criança que está se formando. O grau mais alto é aquele da relação empática, tomada como reconhecimento da outra corporeidade semelhante à minha, mas também dos movimentos psíquicos alheios, semelhantes aos meus, dos seus pensamentos e das suas ações. (BELLO, 2014, p. 25)

Como podemos notar, o conceito de empatia para Husserl possui diversos significados, cada um correspondente a um momento de suas reflexões acerca do tema. Tomo, portanto, como minhas as palavras de Zahavi (2014): “É impossível, em um único capítulo, fazer uma análise exaustiva da teoria sobre Empatia de Husserl, já que ao longo dos anos Husserl buscou diferentes direções”⁴ (p. 124, tradução nossa). Dentre essas direções difusas, a fase que mais se aproxima da definição de Empatia, comumente conhecida, é a segunda fase

³“no existen suficientes indicios textuales para sostener que Husserl habría aceptado que las pulsiones orientadas hacia el otro son, en última instancia, de orden sexual.”

⁴“It is impossible in a single chapter to give an exhaustive analysis of Husserl’s theory of empathy. In fact, there might not even be one single coherent theory, since over the years Husserl pursued different directions”

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

de Husserl, no entanto, há indícios em sua literatura (em especial nos escritos póstumos) de que ele nega tal definição, como coloca Zahavi (apud HUSSERL, 2014):

Em um manuscrito de 1914-1915 ele chama [o termo *Einfühlung* (Empatia)] de “uma expressão falsa”, já que em seu ponto de vista não fica claro se o termo expressa a projeção de um ego em um corpo alheio, ou um encontro do ego com um outro corpo que possui um ego estranho a ele⁵ (p. 114, tradução nossa).

Para além disso, em *Phänomenologische Psychologie* (1925) Husserl escreve: “A intencionalidade de um ego próprio direcionado a um ego estranho (*fremde*) é o supostamente o que chamamos de Empatia”⁶ (ZAHAVI apud HUSSERL, 2014, p.125, tradução nossa). Portanto, parece-nos que a problemática da empatia para Husserl se aproxima mais do reconhecimento filosófico de uma pluralidade de *egos* no mundo do que um suposto ato de compreensão emocional ou vivencial de um outro *ego*.

Referências

BELLO, A. “Intrapessoal” e “Interpessoal”: linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica. **Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas/ Juvenal Savian Filho (org)**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

COELHO JUNIOR, N. Da intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade. **Psicologia USP**, v. 14, n. 1, p. 185-209, 2003.

HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas: uma introdução à Fenomenologia**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, E. A criança. A primeira empatia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. Tradução de Joanneliese de Lucas Freitas. Goiânia, v. 3, n. 3, p. 375-377, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357753661013>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

OSSWALD, A. Génesis trascendental de la subjetividad: El desarrollo infantil en perspectiva husserliana. **Anuario Colombiano de Fenomenología**, v. VIII. Medellín, 2014.

SAVIGNANO, A. Contribuciones al estudio de la teoria de la empatia de Husserl en textos póstumos. **Revista de Filosofia ARETÉ**, v. XXXI, n. 2, p. 451-480, 2019.

ZAHAVI, D. **Self & Other: exploring subjectivity, empathy and shame**. New York: Oxford University Press, 2014.

⁵In a manuscript from 1914–15 he calls it ‘a false expression’, since in his view it remains unclear whether the term is meant to designate the projection of one’s own self into another body or rather the actual encounter with another embodied self.

⁶“The intentionality in one’s own ego that leads into the foreign (*fremde*) ego is the so-called empathy”